

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

BRUNA VALERIA DE SOUZA

***HARRY POTTER E O POSSÍVEL CAMINHO PARA A FORMAÇÃO DE
LEITORES***

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO
2015

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

***HARRY POTTER E O POSSÍVEL CAMINHO PARA A FORMAÇÃO DE
LEITORES***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras
Português/Inglês da Universidade
Tecnológica Federal do Paraná Câmpus Pato
Branco como requisito parcial para aprovação
na disciplina de Trabalho de Conclusão de
Curso – TCC.

Orientador (a): Prof.^a Ma. Rosangela
Aparecida Marquezi

PATO BRANCO – PR
2015



**DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Bruna Valéria de SOUZA**

Título: **Harry Potter e o possível caminho para a formação de leitores**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 25/11/2015
com NOTA 10,0 (DEZ) pela comissão julgadora:

Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marqueti – UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof.ª Ma. Márcia Oberderder Consoli – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof.ª Dra. Mariese Ribas Stankiewicz – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Profa. Dra. Leticia Lemos Gritti
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

Prof.ª M.ª Rosângela Aparecida Marqueti
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Portaria n.º 023, de 11.02.2014

Prof.ª Dr.ª Leticia Lemos Gritti
SIAPE n.º 1695421
Coordenadora do Curso de Letras
em Letras Português/Inglês
UTFPR - Câmpus Pato Branco

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

Dedico este trabalho a minha mãe, que fez com que a leitura sempre fosse presente em minha vida desde muito pequena, fazendo com que, assim, eu tivesse a curiosidade em saber mais sobre Harry Potter.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por me ter permitido que esse curso e pesquisa fossem realizados.

A minha mãe, por ter sempre me incentivado a fazer o que gosto, sendo possível a escolha do tema de gosto pessoal, por ter ajudado e suportado todos os momentos de mau humor, e, ainda, incentivado a fazer um curso que inspira a sermos pessoas melhores, pacientes e compreensíveis.

A minha Orientadora, por ter a paciência e o dom de guiar para que o trabalho pudesse ser concluído da melhor forma possível.

A todos os alunos do Curso de Letras, por demonstrarem solidariedade e colaborarem com a pesquisa, respondendo o questionário que neste trabalho foi analisado.

A todos os professores do curso de Letras, que colaboraram, ajudaram nos momentos além-mar, fazendo com que me sentisse amparada. Por terem ensinado, por serem pacientes quando o entendimento não era claro, por terem o dom de poder formar novos professores.

*“Leio e estou liberto. Adquiro objetividade.
Deixei de ser eu e disperso.”*

Bernardo Soares (PESSOA, 1989, p. 359).

RESUMO

SOUZA, Bruna V. ***Harry Potter e o possível caminho para a formação de leitores.*** 2015. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Pato Branco, Pato Branco, 2015.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar como a série *Harry Potter*, um livro repleto de descrições e narrativas, um sucesso muito grande no início do século XXI, teve influência na formação de leitores e como ela acontece. Para verificar essa hipótese, fez-se primeiramente uma pesquisa bibliográfica e, em seguida, uma pesquisa quantitativa, aplicada no Curso de Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Pato Branco. A pesquisa bibliográfica teve como base os estudos de Leonardo Arroyo (2011), Ligia Cademartori (2010), Nelly N. Coelho (2000) e Muniz Sodré (1988), e a partir delas foi possível analisar conceitos de literatura infantojuvenil e de massa. Por meio da pesquisa, verificou-se como esse ramo da literatura é utilizado em sala de aula e qual a influência de obras infantojuvenis, consideradas *best-sellers*, na vida da criança e do adolescente. A pesquisa quantitativa comprovou que a obra foi influente no processo de formação de leitor dos jovens que a leram, bem como qual o caminho que levou a isso. Esse estudo é relevante e poderá contribuir com o ensino de leitura em salas de aula, pois se trata de uma obra que tem o poder de aguçar a curiosidade do leitor para que, por meio desta, a literatura clássica seja introduzida e formalizada em sua vida.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. *Best-sellers*. *Harry Potter*. Formação de leitores.

ABSTRACT

SOUZA, Bruna V. ***Harry Potter* and the possible route for the formation of readers.** 2015. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Pato Branco, Pato Branco, 2015.

This final paper (TCC) aims to analyze how Harry Potter's serie, a novel filled with descriptions and narratives and a great success in the early twenty-first century, has influenced the formation of readers and how it happens. To verify this hypothesis, there was first a bibliographical research and then a quantitative one, applied to Languages course from Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *Câmpus* Pato Branco. The bibliography, was based on studies by Leonardo Arroyo (2011), Ligia Cademartori (2010), Nelly N. Coelho (2000) and Muniz Sodré (1988), and from them it was possible to examine children and youth literature and mass literature concepts. Through this research, it was possible to see that this branch of literature is used in classrooms and what is the influence of these children and youth works, considered best-seller, in the life of children and teenagers. This quantitative research has proved that the work has been influential on the process of readers formation for the youngsters who read it, as well as the path that sees it through. This study is relevant and can contribute to the process of reading instruction in classrooms because this is a work that has the power to trigger the reader's curiosity so that classical literature can be introduced and formalized in their life.

KEY WORD: Children's Literature. Best-sellers. *Harry Potter*. Readers Formation

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Quantidade de livros lidos da série	36
GRÁFICO 2 – Como conheceu a saga <i>Harry Potter</i> ?	37
GRÁFICO 3 – Que idade você tinha?	37
GRÁFICO 4 – Você se considera um bom leitor?	38
GRÁFICO 5 – Você acha que essa obra influenciou na sua formação como leitor?	40
GRÁFICO 6 – Você já tinha o hábito da leitura?	41
GRÁFICO 7 – Você sentiu-se instigado a procurar outros livros?	42
GRÁFICO 8 – Quais tipos de livros você costuma ler?	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 PERCURSOS E PERCALÇOS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL	13
1.1 BREVE HISTÓRICO	13
1.2 A DIFÍCIL CONCEITUAÇÃO	16
1.3 A LITERATURA INFANTOJUVENIL NO CONTEXTO ESCOLAR	20
2 LITERATURA DE MASSA	23
2.1 O <i>BEST SELLER</i>	25
2.2 O <i>BEST SELLER</i> NA SALA DE AULA	27
2.3 O FENÔMENO <i>HARRY POTTER</i>	29
3 OS “FEITIÇOS” DE HARRY FORAM DURADOUROS OU PASSAGEIROS?	34
3.1 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICES	50
ANEXOS	53

INTRODUÇÃO

Harry Potter, uma coleção de sete livros publicados pela escritora inglesa J.K. Rowling, tem o poder de atrair muitos leitores para um mundo encantado, no qual as pessoas normais são vistas como estranhas, fazendo com que o leitor acredite na fantasia e entre de cabeça nos livros fantásticos. Como a saga é considerada, a partir de discussões teóricas a esse respeito, literatura de massa ou *best-seller*, acaba por lidar com diversas críticas, pois às vezes essa literatura é olhada com desconfiança pelos críticos. Por outro lado, há uma grande parte desses críticos que acreditam e defendem que não importa o tipo de leitura e sim que ela seja bem-vinda, de qualquer forma.

Como sempre há essa divisão entre a crítica, durante a caminhada no Curso de Letras a acadêmica foi se interessando por entender um pouco mais sobre a importância ou não dessas literaturas na construção do leitor. Ainda, como sempre foi uma leitora fervorosa da série *Harry Potter*, mais especificamente, resolveu usar esse gosto para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso, que ora se apresenta, procurando responder ao seguinte problema: Qual a importância do conjunto da obra, *best-seller*, *Harry Potter* na formação de leitores?

Para encontrar resposta a esse problema, definiu-se como principal objetivo deste trabalho o de analisar como a saga *Harry Potter*, um dos maiores *best-sellers* da literatura infantojuvenil, influencia na formação de leitores, mostrando a importância da literatura no desenvolvimento da leitura ao passar dos anos. Para o alcance deste objetivo, foi realizada, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica, para subsidiar a análise, sobre literatura infantojuvenil, literatura de massa e a obra *Harry Potter*. Na sequência, realizou-se uma pesquisa quantitativa para identificar se essa literatura ajuda de alguma forma na formação dos leitores ou se apenas incentiva os leitores a permanecerem dentro do mundo fictício.

Tanto a pesquisa bibliográfica quanto a quantitativa tiveram como objetivo, como já salientado, subsidiar a discussão da importância das obras consideradas *best-sellers* na formação cognitiva da leitura, o que será percebido na análise da coleta de dados realizada. Ou seja, será possível analisar como esse tipo de obra modifica a vida

de um leitor, como ele pode se sentir incentivado a ler se entrar em contato com obras que ativem nele a aproximação, o gosto pela leitura.

Essa aproximação e procura de maneiras para atrair os leitores acontece pelo fato de que no país há uma grande defasagem na leitura e, para que isso seja melhorado, há a necessidade de elaboração de novas metodologias, utilizando os mais diversos materiais. Pode-se pensar que a obra de J.K. Rowling pode ser uma boa escolha, pois se trata de um *best-seller* que aproxima os leitores, exatamente na idade em que a formação crítica é desenvolvida, podendo ser, então, uma ferramenta para que essa defasagem brasileira seja melhorada.

Para o suporte teórico desta pesquisa, selecionou-se alguns dos mais importantes nomes da crítica literária infantil brasileira, tais como Arroyo (2011); Cademartori (2010); Coelho (2000); e Lajolo e Zilberman (2011), além de teóricos da literatura de massa, como Sodré (1988). A utilização desses autores serviu para entender a importância que obras como *Harry Potter* podem ter na formação do leitor.

A partir das leituras e análises, estruturou-se o presente trabalho, a partir desta Introdução, em três capítulos. No primeiro, procurou-se explicitar uma introdução sobre os percursos e percalços da literatura infantojuvenil, seguida então de um breve histórico do percurso da mesma, utilizando-se para isso Arroyo (2011) e Paço (2009). Também nesse capítulo, buscou-se demonstrar a dificuldade da conceituação dessa literatura e também demonstrar como a literatura infantojuvenil   utilizada no contexto escolar.

O segundo capítulo   constituído pelos conceitos da literatura de massa, baseado nos estudos de Sodré (1988) e Morin (1997), em que se procura explicar o que são os *best-sellers* e quais as críticas acerca desse gênero, sem deixar de especificar como é utilizado em sala de aula. Além disso, explana-se, também, um pouco acerca da obra *Harry Potter* e sua importância na sociedade.

No terceiro capítulo, é realizada, por fim, a análise de dados coletados, para a verificação da hipótese deste trabalho, ou seja, se a *Harry Potter*   influente na formação de leitores. Após a análise, são apresentadas as Considerações Finais, seguidas das Referências utilizadas durante todo o trabalho para embasar a pesquisa, bem como os Apêndices e Anexos, que finalizam o trabalho.

1 PERCURSOS E PERCALÇOS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL

A literatura infantojuvenil enfrentou, desde o seu início, diversos problemas, pois tinha de criar uma forma para conceituar uma maneira diferente de escrever, voltada para um público que até então não era alvo de publicações. Com o passar do tempo, a leitura, tornou-se algo fundamental para o homem, pois, por meio dessa prática, havia aprendizagem, entretenimento e era o momento em que o interesse por aprender mais era desenvolvido. Hoje em dia, a leitura acontece de diversas formas, não apenas no papel, pois as tecnologias transformaram o mundo, o que exige dos educadores um esforço muito maior ao tentar fazer com que o aprendiz apaixone-se pelas histórias literárias.

A seguir, serão explicitados os problemas que essa maneira de escrever sofreu durante os anos, e o caminho que enfrentou até se tornar a forma como se apresenta e é reconhecida atualmente.

1.1 BREVE HISTÓRICO

Uma das práticas mais conhecidas em todas as partes do mundo é a contação de histórias, que existe desde os primórdios, e aconteceu de uma forma muito cultural, sendo que os mais velhos contavam histórias que sabiam para os mais novos em suas famílias, com a função de entreter e fazê-los conhecer uma época anterior. Essa era a tradição oral, a qual Arroyo (2011) aponta como iniciadora de uma era que tem melhorado o avanço da humanidade.

Partindo da tradição oral, uma das principais obras que conta histórias populares, do Oriente Médio, é *As Mil e uma Noites*. Essa obra foi uma das iniciadoras da contação de histórias no Oriente, anos antes de Cristo. Hoje em dia, encontramos essas histórias em obras traduzidas e adaptadas, e é importante também salientar que teve grande parte de seus manuscritos originais perdidos.

Após as histórias contadas oralmente, segundo Arroyo (2011), surgiram as fábulas, gênero que traz elementos diferenciados e tem como finalidade ditar uma

moral, localizada normalmente no final da história. Por meio de pesquisas, foram descobertas obras de Esopo e Fedro, gregos que também iniciaram esse gênero em sua terra, fazendo com que ele fosse dissipado, tornando-se um modo de escrever que consegue encantar até os dias de hoje, fazendo suas morais transcenderem ao tempo.

Pode-se dizer que a literatura infantil teve início quando o público infantil aceitou esse gênero, obteve o gosto e a aceitação pela leitura, além disso ainda fez com que o gosto se tornasse uma característica fundamental para esse tipo de literatura, como bem afirma Arroyo (2011, p. 12): “Deixa-se bem claro o valor fundamental do gosto infantil como único critério de aferição da literatura infantil”.

Arroyo (2011) ainda afirma que por volta do século XVI e meados do século XVII, a criação desse tipo de obra começou a sofrer algumas mudanças para cativar ainda mais o leitor. Elementos fantasiosos, como fadas, animais falantes, objetos animados, humor, começam a ser incluídos nas fábulas, de forma que atraíssem cada vez mais quem estivesse lendo. Esse mesmo autor, no seu livro *Literatura infantil brasileira*, cuja primeira edição é de 1968, elabora uma cronologia, citando diversos autores importantes, os quais passam a ser relacionados na sequência.

Segundo o autor (IDEM), na união do século XVII um dos mais importantes escritores para a história da literatura infantil é *La Fontaine*, que retoma as Fábulas, gênero trabalhado por Fedro e Esopo na antiguidade. Já na metade do século XVII, outro nome importante foi o de Charles Perrault, que viveu durante os anos de 1623 a 1703 e foi o responsável pela divulgação escrita de famosos contos infantis, entre eles os *Contos de ma mère l’Oye*, ou seja, os *Contos da Mamãe Ganso*, em que a tradição oral é repassada para um livro, assim como fez com outros contos, nos quais, após ouvir diversas histórias, adaptava-as para a escrita, fazendo com que esta fosse mais simples, sendo apta para o público a que se destinava.

Mais para o final do século XVII e meados do XVIII, ocorre a introdução das fadas nesse tipo de obra literária, e ainda, a publicação de obras universais, conhecidas até hoje, tais como *Robinson Crusóé (1719)*, de Daniel Defoe e *As viagens de Gulliver (1726)*, de Jonathan Swift. Essas obras vieram ao encontro da necessidade da leitura. Arroyo (2011, p. 21) ainda cita: “O elemento real da vida, o desdobramento da estória no conteúdo das aventuras, fizeram com que as crianças consagassem esses dois

livros apenas pela sequência de fatos narrados concretamente.”

A vontade de ler foi ficando cada vez mais aguçada, e com isso, autores eram impulsionados para a escrita desse gênero. Segundo Arroyo (2011), o ano de 1812, já no século XIX, foi marcado pela publicação de *Contos para a criança e para família*, dos alemães Jacob e Wilhelm Grimm, mundialmente conhecidos como Irmãos Grimm. Personagens como a famosa Chapeuzinho Vermelho, o Pequeno Polegar, a Branca de Neve, João e Maria, entre outros, faziam parte desses contos, assim como fizeram parte, anteriormente, das obras de Perrault.

Na mesma época, na Dinamarca, Hans Christian Andersen também publicava seus primeiros contos para crianças, tornando-se um autor universal por ter criado importantes personagens como o Soldadinho de Chumbo, a Rainha da Neve e ainda o Patinho Feio. Foi um autor muito reconhecido pela sua vasta contribuição para a literatura infantojuvenil e devido a isso, sua data de nascimento é conhecida hoje em dia como o Dia Internacional do Livro Infantil e Juvenil, assim como o maior prêmio internacional desse gênero, o *Hans Christian Andersen*, leva seu nome.

O início do século XX, por sua vez, foi marcado por Walt Disney, como descreve Arroyo (2011, p. 26) “[...] o gênio da imagem, desta se servindo para uma nova dimensão da literatura infantil pelos seus desenhos e pelo seu cinema”. Ou seja, o autor foi, e ainda é, muito importante para a distribuição da interpretação das obras literárias infantis mais famosas até o ano de 1900, vistas por uma nova perspectiva.

Quando tratamos do Século XX, é difícil fazermos uma cronologia, principalmente pelo volume de produções que existem nesse momento, mais especificamente, ainda, para o seu final. Para Cademartori (2010), é nesse período que a literatura infantil começou a tornar-se importante para a formação dos pequenos leitores e isso tem avançado cada vez mais nas escolas e na sociedade. Além de ter um maior reconhecimento na formação dos leitores, a literatura infantil no final do século XX “[...] passou pelo que se pode chamar de internacionalização do gênero, resultado da globalização dos mercados. Um livro infantil, uma vez comprovada a sua aceitação pelo público, é logo distribuído para crianças dos demais países” (CADEMARTORI, 2010, p. 15).

Segundo Cademartori (2010), hoje em dia não importa mais o local onde a obra é publicada. Se ela cativar os leitores, ela normalmente torna-se mundialmente conhecida. Para comprovar isso, a autora traz como exemplo as obras: *O Senhor dos Anéis* de J. R. R. Tolkien, *Harry Potter* de J. K. Rowling e a trilogia de Stephanie Meyer, *Crepúsculo*, *Lua Nova* e *Eclipse*. Essas obras, publicadas em diferentes partes do mundo, por serem tão difundidas, ultrapassaram o Século XX e ainda são lidas hoje, início do Século XXI.

1.2 A DIFÍCIL CONCEITUAÇÃO

Para iniciar uma análise sobre a conceituação da literatura infantil, é necessário previamente voltar-se à Idade Média, época na qual ela ainda não existia, com o objetivo de observar como eram tratadas as crianças. Sobre isso, Cunha (1985, p. 19) afirma que:

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

Confirmando o pressuposto de que a criança não era tratada como um ser diferente do adulto, Coelho (2000, p. 23), afirma que “[...] as crianças eram vistas ‘como um adulto em miniatura’, cujo período de imaturidade (a infância) deve ser encurtado o mais rapidamente possível [...]”, ou seja, o período de infância e adolescência resumia-se ao início da infância passando direto para a fase adulta, devido a falta de mão de obra, na época, as crianças, dessa forma, viviam dentro de uma cultura adulta e os conhecimentos e aprendizagens que obtinham era por meio dos jovens adultos com quem conviviam. Cademartori (2010, p. 43) ressalta que:

A literatura passou a ser vista como um importante instrumento para esses ‘adultos em miniatura’, e os contos coletados nas fontes populares são postos a serviço dessa missão. Tornam-se didáticos e adaptados à longa gênese do espírito a partir do pensamento ingênuo até o pensamento adulto, evolução do irracional ao racional.

A autora ainda explica que foi por intermédio das obras de Charles Perrault que essa literatura popular aproximou-se e converteu-se na literatura infantil. Contando com princípios educativos presentes nos contos essas obras conseguiram adaptar-se bem para o público de menor idade. Dessa forma, com a necessidade cada vez maior do período em que a criança poderia ler, aprender e brincar, ou seja, a infância e a adolescência, diversos autores começaram a escrever obras voltadas a esse público. (CADEMARTORI, 2010).

Desde que a criação de novas obras literárias infantis se popularizou, há a dificuldade de se definir esse gênero e para quem é indicado. Paço (2009) afirma que esse tipo de literatura foi criado para diferentes classes sociais. A nobreza, por exemplo, tratou a literatura infantil como se fosse um material didático, utilizada com auxílio de mestres que ajudavam as crianças da época a estudar.

Quando se trata das classes mais pobres, essas usufruíam de uma literatura infantil trazida pelos contos populares, que logo depois foram adaptados, pois naquela época não havia obras para essa parte da sociedade, pois tudo envolvia dinheiro. Portanto, as antigas histórias populares eram repassadas para todas as idades, isso acontecia devido a conceituação de “pequenos adultos” como eram chamadas as crianças dos séculos XVII e XVIII.

Após diversas mudanças que ocorreram ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, a conceituação desse gênero foi um dos pontos que mais sofreu com dúvidas e questionamentos, isso porque se tratava de um novo fazer literário, para um público diferente daquele que os escritores estavam habituados. A literatura é e sempre foi um ponto de questionamento entre a sociedade, e um dos pontos que geram dúvidas é o que trata sobre esse gênero. Costa (2007, p. 16) fala sobre as diferentes formas de entender o que é literatura:

As pessoas geralmente entendem literatura como aquilo que está em livro e que tem caráter de história inventada ou de texto para ser clamado, com sons parecidos ao final das linhas (rimas). Em alguns ambientes profissionais, o termo literatura pode se referir aos livros que trazem textos que tratam de áreas profissionais específicas. A literatura será entendida como aquela que se relaciona direta e exclusivamente com a arte da palavra, com a estética e com o imaginário.

Ou seja, em um gênero com múltiplas definições, uma de suas vertentes não seria diferente, pois a literatura infantil também sofre dificuldades ao ser conceituada. Costa (2007, p. 16), afirma que “São histórias ou poemas que ao longo dos séculos cativam e seduzem as crianças.”.

Cademartori (2010, p. 13) lembra que a literatura infantil é separada em dois diferentes sistemas: “No sistema literário, é espécie de primo pobre. No sistema da educação, ocupa lugar mais destacado, graças ao seu papel na formação de leitores, que cabe à escola assumir e realizar.” Ou seja, trata-se de uma literatura sem tanto prestígio na sociedade, sendo considerada muitas vezes o oposto de uma literatura clássica.

Assim, pode-se dizer que, como literatura infantil, são consideradas histórias que atraem as crianças, e, mesmo sendo dividida em dois sistemas diferentes, é uma literatura só, como bem afirma Cecília Meireles em seu livro *Problemas da Literatura Infantil* (1951, p. 26):

A dificuldade está em delimitar o que se considera como especialmente do âmbito infantil. São as crianças, na verdade, que o delimitam, com a sua preferência. Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas lêem com utilidade e prazer.

Dessa maneira, é possível perceber que a literatura infantil não precisa necessariamente ser escrita para ela, mas necessita alcançar o seu gosto, trazer algo que faça com que o leitor sintam-se próximo da obra, isto é, trabalhar a linguagem de forma lúdica. Para Cademartori (2010, p. 32), “O uso da linguagem em sua possibilidade estética e lúdica é fundamental.”, ou seja, se a obra for realizada dessa forma, a atração para ela será muito provável.

Um dos questionamentos que perdura até hoje a respeito da literatura infantil e juvenil, é a idade do público-alvo. Com o aumento das produções literárias, houve também o aumento de gêneros em que se escrevem e esses gêneros, muitas vezes, não estão indicados para uma faixa etária específica, e para esclarecer um pouco mais esta dúvida foram feitas pesquisas sobre as capacidades cognitivas das crianças, isso para saber quais as idades adequadas para cada gênero textual.

Com base em um quadro explicativo, elaborado por Filipousky (1982), a partir de estudos de Piaget, pode-se observar exatamente as competências das crianças e o nível de leitura a qual estão aptas, sendo possível, também, diferenciar o desenvolvimento cognitivo infantojuvenil e o desenvolvimento da leitura.

Na faixa-etária que abrange dos oito aos onze anos de idade, o desenvolvimento de personalidade é conhecido por ter operações concretas, ou seja, pensamentos descentrados da percepção e ação, há também a capacidade de classificar, enumerar e ordenar. É nessa fase que acontece a leitura interpretativa, na qual a criança é capaz de ler e compreender textos curtos e de leitura fácil, com menor dependência da ilustração, as crianças já têm uma melhor orientação para o mundo, e elementos da fantasia são bem vindos, os tipos de livros recomendados para esse público são os contos fantásticos, contos de fadas, folclore, histórias de humor e animismo. (FILIPOUSKY, 1982).

De onze a treze anos, as crianças desenvolvem uma personalidade voltada para operações formais, o domínio das estruturas lógicas do pensamento abstrato, a maior orientação para o real e a permanência eventual da fantasia acontecem. O nível de leitura dessa idade é a que o leitor consegue interpretar textos informativos ou factuais, e ler textos mais extensos e complexos. É a fase da introdução à leitura crítica, em que o tipo de leitura para essa idade são as aventuras sensacionalistas: detetives, fantasmas, ficção científica, temas da atualidade, histórias de amor. (FILIPOUSKY, 1982).

Os adolescentes de treze a quinze anos ainda desenvolvem a personalidade voltada para operações formais e é nesse momento que acontece a descoberta do mundo interior e a formação de juízos de valor. É durante esse período que a leitura crítica é desenvolvida, ou seja, a capacidade de assimilar ideias, confrontá-las com sua própria experiência e reelaborá-las em confronto com material de leitura. O tipo de leitura recomendado para essa idade são as aventuras intelectualizadas, narrativas de viagens, conflitos psicológicos, conflitos sociais, crônicas, contos. (FILIPOUSKY, 1982).

Observando esta exposição dos estudos de Piaget, feita por Filipousky (1982), o que se pode entender é que, a partir dos onze anos, o leitor passa a ser introduzido à leitura crítica, em que, segundo Pereira (2009, p.16):

O leitor crítico é um leitor, em certo sentido, pronto. [...] Para a grande aventura da leitura, para viajar pelas incontáveis obras que existem. Ele já possui a autonomia necessária para ir sozinho, embora busque sempre companhia, pois um leitor que ama a leitura quer dividi-la com outros, quer compartilhar seus achados, suas impressões e opiniões.

Esses estudos sobre a evolução do leitor, relativo a sua idade, é base para se chegar ao entendimento de como a literatura infantil e juvenil é criada e para qual público. É a partir dos onze anos, isto é, na fase de introdução à leitura crítica, que a linguagem nos livros indicados começa a ser modificada, trazendo novos aspectos nas histórias, fazendo com que o leitor trabalhe mais a interpretação e o senso crítico. Os livros servem como introdução para que o leitor seja levado aos poucos até a literatura adulta, e até mesmo aos clássicos, já que, segundo Pereira (2009), esses leitores estão prontos, e espera-se que saibam interpretar qualquer tipo de obra.

1.3 A LITERATURA INFANTOJUVENIL NO CONTEXTO ESCOLAR

A escola pode ser considerada mais do que um lugar, pode ser considerada um período no qual as crianças adquirem conhecimento e se tornam cidadãs, é o momento em que elas têm um primeiro contato com diversos meios que lhe ativam partes cognitivas, como a arte de interpretar, ler, escrever, de ser alfabetizado. Esses meios, ou melhor, maneiras de ensinar, muitas vezes são postos em questão, pois a cada dia pesquisadores criam novas metodologias para tentar melhorar. Entre essas melhoras, a censura está sempre presente, limitando o conteúdo que o professor tem para aplicar em sala de aula.

Segundo Silva (1988, p. 26), um dos aspectos cognitivos de grande importância, a leitura, sofre muito até hoje essa limitação e censura, pois ao professor é limitado a escolher apenas os livros disponibilizados pela escola, com conteúdos e temáticas específicos. Entretanto, esses livros disponíveis, mesmo sofrendo censura e limitação, são, na maior parte, pertencentes à literatura infantil, o que é muito favorável à formação das crianças, isso, se os professores utilizarem estas obras da forma mais adequada .

Abramovich (1997, p. 140) explicita que os professores recebem pouco conteúdo, pois o leque de obras destinadas a este público e que se encaixe em todos os padrões necessários para uso na escola, não é vasto e, se depender apenas desses, a escolha das obras literárias a serem trabalhadas em sala de aula podem vir a ser para os alunos, desimportantes, chatas e monótonas. Por isso, seria importante que os alunos pudessem fazer suas escolhas no momento da leitura, para que a partir dessa escolha, o professor adaptasse sua forma de trabalho.

Para que a leitura em sala tivesse mais impacto, a literatura infantojuvenil foi um dos gêneros disponibilizados às escolas, como observa Abramovich (1997) ao salientar que o objetivo dessas obras de literatura infantojuvenil é de querer ser lida, de atrair leitores, e o quanto esse propósito não tem sido seguido.

A literatura de hoje em dia, muitas vezes, é imposta e não exposta aos alunos em sala, de forma que eles não têm livre arbítrio para escolherem o livro que os atraem, o que faz com que o gosto ou atração do leitor pela obra não aconteça. Além disso, a maneira como tem acontecido a leitura em sala faz com que ela seja produzida de uma forma modalizada, dentro de moldes, visando apenas alguns aspectos específicos, Segundo Abramovich (1997), os alunos são impostos a fichas de leituras sem uma finalidade coerente, a leituras por dever e não por prazer. As escolas, em grande parte, não permitem que os alunos escolham a obra que querem e que tenham o tempo de fruição necessário para a prática da leitura.

Lajolo e Zilberman (2011) afirmam que essa literatura infantil e juvenil imposta pela escola, de forma incoerente, deveria ser proveitosa, deveria atrair novos leitores, e ainda fazer a “[...] habilitação da criança para o consumo de obras impressas” (IDEM, p. 18). A partir do contato e a aproximação das crianças com essa literatura, o consumo desse tipo de obra também cresceria, fazendo com que o mercado produzisse cada vez mais obras destinadas a esse público.

Entretanto, a literatura infantojuvenil no âmbito escolar não pode ser vista apenas com limitações, e como uma via para o consumo de obras que façam parte dessa literatura. Esse gênero literário tem de ser visualizado e trabalhado de forma que ajude as crianças a criarem um senso crítico e ainda a se apaixonarem pela leitura, ou seja, que forme novos leitores.

Costa (2007, p. 33) afirma que “[...] a leitura de literatura pode exercer diferentes funções na escola, como informar, educar, entreter, persuadir ou expressar uma opinião ou ideia”, portanto, é de grande importância que o professor saiba trabalhar com a literatura e leitura em sala de aula. Para Zilberman (2003, p. 28, *apud* COSTA, 2007, p. 20), “[...] ao professor cabe o desencadear das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais [...] em razão de sua percepção singular do universo representado”, ou seja, além de saber fazer uma boa escolha de obra para ser trabalhada em sala, é esperado que o professor incentive o leitor a ter sua própria interpretação, acima de diferentes criações literárias.

Portanto, a partir dos estudos expostos, de diversos autores, é possível saber que a literatura infantil e juvenil é fundamental no ensino básico primário, pois ajuda a formar cidadãos, apesar dos percalços que enfrenta. Se o professor souber dinamizar e deixar que os alunos façam suas escolhas de leitura por prazer, a aprendizagem pode ocorrer com mais facilidade, e a formação de leitores é cada vez mais possível.

2 A LITERATURA DE MASSA

A partir do conceito de Morin (1997, p. 14), a cultura pós Segunda Guerra Mundial é a de massa, produzida pelas normas da fabricação industrial, pelas técnicas maciças de difusão de propagandas, destinados a uma massa social, a todos os indivíduos do local. Isso é, uma produção cultural que diz respeito a todos, que tem como foco a quantidade e não tanto a qualidade ou conteúdo, e que visa ainda o lucro. Como consequência desse conceito de cultura de massa, é possível perceber a influência na literatura, a qual, na maioria das vezes, tem como único objetivo a venda, utilizando temáticas atuais, quando atrativas ao grande público. Essa influência está explícita para Eliane Paz (2004), o qual afirma que:

Se o best seller é resultado do processo de industrialização e efeito da ação capitalista sobre a cultura, é preciso levar em conta também que esse tipo de narrativa tende a constituir-se em “campeão de vendas” porque se configura uma poderosa estimuladora de leitura, isto é, tem o poder de mobilizar o olhar e estimular a imaginação do leitor-consumidor. O fascínio duradouro dessa literatura indica que não se pode analisá-la com uma visão simplista e redutora, limitando-a ao campo de efeito de estratégias mercadológicas ou como subproduto da literatura culta.

Hoje em dia, ao se entrar em uma livraria, os primeiros a serem identificados são os livros que estão no centro do local, os que têm mais saída, mais populares. Por outro lado, são esses, muitas vezes, os livros criticados por grandes nomes dentro da crítica literária. Como cita Sodré (1988, p. 6), são obras que “[...] não tem nenhum suporte escolar ou acadêmico: seus estímulos de produção e consumo partem do jogo econômico da oferta e procura, isto é, do próprio mercado.” Na atualidade, é muito comum a utilização desse tipo de obra em sala de aula, para que, possivelmente, traga um despertar para a leitura.

Outro grande diferencial de obras que fazem parte do gênero literatura de massa, é a forma como são escritas, como os autores as elaboram. Sodré (1988) discute sobre a diferença de importância entre a literatura culta e a de massa, mostrando o quanto a literatura culta se importa em atingir as escolas e instituições de ensino, fazendo com que assim possam ser abordadas as metáforas, o lirismo e ainda

as sutilezas que se escondem nas entrelinhas. Em contraponto, quando se trata da literatura de massa, Sodré (1988, p. 15) afirma que:

Não está em primeiro plano a questão da língua nem da reflexão sobre a técnica romanesca. O que importa mesmo são os *conteúdos* fabulativos (e, portanto, a intriga com sua estrutura clássica de princípio-tensão, clímax, desfecho e catarse), destinados a mobilizar a consciência do leitor, exasperando a sua sensibilidade. É o mercado, e não a escola, que preside as condições de produção do texto.

É possível perceber que o diferencial desse tipo de literatura é, principalmente, o objetivo para o qual foi escrito, e a venda é um dos principais, seguido do entretenimento, para que possa atrair os leitores. Quando é citado o entretenimento, Sodré afirma que (1988, p. 16) ele está relacionado com “[...] o poder de espicaçar a ‘curiosidade universal’ com diversas temáticas, entre elas: crime, amor, sexo, corpo, aventura, etc.”.

O autor expõe também a possibilidade de os leitores da literatura de massa serem chamados de espectadores. Isso acontece devido ela se estender muitas vezes para além do texto escrito, tornando-se longa metragem, série televisiva, histórias em quadrinhos, histórias contadas por meio oral, além de outros tipos de gêneros textuais. Essa transposição, que permite que obra literária seja traduzida em diversos gêneros diferentes, é mais facilitada pela literatura de massa, pois quando se trata de uma literatura culta, não basta transpor o conteúdo, pois se exige uma nova leitura, para que a língua escrita também seja valorizada (SODRÉ, 1988).

A partir de Sodré (1988) e Campbell (1997), autores que discutem a literatura de massa, é possível perceber que um dos grandes pontos, é que nela está incluída a presença do herói. Esse herói, conhecido na literatura como o personagem principal de um poema, de um romance, de uma peça de teatro, está normalmente prescrito para uma história fechada, que é circundada entre três tópicos, como mostra Campbell (1997, p. 20), no seu livro *O herói de mil faces*.

A partida: o chamado à aventura, a recusa do chamado, o auxílio sobrenatural, a passagem pelo primeiro limiar, o ventre da baleia. A iniciação: o caminho de provas, o encontro com a deusa, a mulher como tentação, a sintonia com o pai, a apoteose, a bênção última. O retorno: a recusa do retorno, a fuga mágica, o resgate com o auxílio externo, a passagem pelo limiar do retorno, senhor de dois mundos, liberdade para viver.

Campbell mostra, ainda, como qualquer roteiro que faça parte da literatura de massa encaixa-se perfeitamente nesses tópicos, e é possível ter esta certeza analisando-se as obras desse gênero e observando como estes tópicos estão realmente presentes.

A literatura de massa é toda aquela que desenvolve no autor o desejo de criar uma obra para um público específico, escrevendo sobre assuntos que deixem os leitores curiosos, como histórias de amor, policiais, fantásticas, etc.. E desenvolve, no leitor, o desejo de não querer parar de ler, sendo este então, um material para o momento de entretenimento. Essas obras são, normalmente, escritas seguindo-se o padrão da jornada do herói, descritas por Campbell (1997 p. 20), como por exemplo a série de livros *Percy Jackson e os Olimpianos*, de Rick Riordan. Na literatura infantojuvenil esse padrão do herói constitui tópicos que servem como pilares que não variam, sobre os quais são contadas as histórias.

Toda efabulação tem, como motivo nuclear, uma aspiração ou um desígnio, que levam o herói (ou a heroína) à ação. A condição primeira para a realização desse desígnio é sair de casa; o herói empreende uma viagem ou se desloca para um ambiente estranho, não-familiar. Surge sempre um desafio à realização pretendida, ou surgem obstáculos aparentemente insuperáveis que se opõem à ação do herói. Surge sempre um mediador entre o herói e o objetivo que está difícil de ser alcançado; isto é, surge um auxiliar mágico, natural ou sobrenatural, que afasta ou neutraliza os perigos e ajuda o herói a vencer. Finalmente o herói conquista o almejado objetivo. (COELHO, 2000, p.110).

As definições de ambos autores se encontram, confirmando, dessa forma, a existência desses tópicos invariáveis existentes em obras infantis, infantojuvenis, sendo elas clássicas e de massa, assim como nas obras de massa destinadas a um público de idade mais elevada.

2.1 BEST-SELLERS

Há divergências acerca do significado de *best-sellers*, pois é um gênero muito similar a literatura de massa, sendo, por vezes, até considerado um sinônimo desta.

Para Sodré (1988, p. 5), “[...] Como sinônimas da “literatura de massa” pode-se usar também as expressões *best-seller* e “folhetim”.”

Portanto, o *best-seller* pode tratar-se de algum romance culto que teve grande sucesso de vendas ou tratar-se de uma literatura de massa, escrita sem tanta preocupação com a linguagem. Então, essa nomenclatura é relativa à venda da obra, ou seja, é “[...] todo tipo de narrativa produzida a partir de uma intenção industrial de atingir um público muito amplo”. (SODRÉ, 1988, p. 75).

Pode se dizer, também, que uma das vertentes da literatura de massa, é o *best-seller*, ou, “[...] todo livro que obtem grande sucesso de público” (SODRÉ, 1988, p. 5). Esse é um dos gêneros mais populares da atualidade, pois a produção literária de hoje em dia cria para a venda, para o mercado, e para isso utiliza temáticas específicas, normalmente aquelas que os leitores mais procuram, o que muitas vezes resulta em romances, obras que envolvam a jornada do herói, narrativas fantasiosas, policiais ou guias de autoajuda.

São obras frequentemente criticadas por estudiosos da língua e literatura. Entre as diversas críticas, as mais comuns são em torno de elas visarem apenas ao lucro, tratem a língua de modo mais informal, criando conteúdos chamados de paraliteratura¹ ou, subliteratura, que são diferentes das obras clássicas, nas quais a linguagem é um dos pontos mais prezados durante a produção.

Uma das críticas em torno das obras *best-sellers* tem relação a como elas são tratadas. Coelho (2000) afirma que grande parte das críticas vêm de vários ramos da área humana, e raramente da área de Letras, pois esta é a favor de que a literatura infantil e juvenil (assim como os *best-sellers*) não podem ser um mero entretenimento. A autora ainda explicita em seu texto que, “[...] nenhum desses profissionais está interessado na literatura enquanto *fenômeno literário*, mas enquanto *veículo de ideias* ou *padrões de comportamento*” (COELHO, 2000, p. 58, grifo da autora).

Em meio a essa e outras diversas críticas, o uso dessas obras em sala de aula ainda é duvidoso. Porém, nos dias de hoje, em que os leitores estão voltados a diversos novos atrativos *online*, a tentativa é sempre válida. Por ser uma literatura de

¹ Conjunto dos textos que não se enquadram no consenso literário social propriamente dito (p.ex. as revistas sensacionalistas, as letras de música, as novelas e fotonovelas, as histórias em quadrinhos etc.) (FERREIRA, 1999).

fácil acesso, ela é identificada pelos seus leitores como “envolvente”, “emocionante”, criada com a função de aguçar a curiosidade e desenvolver o entretenimento no leitor, como afirmado por Sodré (1988). Seguindo esse mote, é possível perceber que, mesmo grandes autores, estão de acordo com a literatura de massa, como por exemplo, Todorov (2007) ao afirmar que:

Estou convencido de que, para aceder à "grande literatura", deve-se primeiro aprender a amar a leitura. Para tanto, passar pela literatura de juventude parece-me ser a via mais indicada. Eu mesmo, há muito tempo, comecei a ler versões simplificadas dos clássicos em búlgaro. "Os Miseráveis" [de Victor Hugo] não tinha mais do que umas cem páginas. Isso não me impediu de abordar o texto completo do romance alguns anos mais tarde. Desse ponto de vista, eu recomendo sempre "O Conde de Monte Cristo" [de Alexandre Dumas] ou, por que não?, as aventuras de "Harry Potter".

Além dos aspectos atrativos das obras *best-sellers* elas fazem com que haja uma interação muito maior entre leitores, como declara Wellershoff (1975, p. 95-96 *apud* HOHLFELDT, 1994, p. 107-108), quando afirma que:

[...] este é um dos pontos importantes na teoria do *best-seller*: oferecer a seus leitores as possibilidades maiores de contactos sociais; alguém pode esperar encontrar de imediato às pessoas que leram o mesmo livro, e o *best-seller* recompensa, pois, o trabalho da leitura social do melhor modo possível. [...] uma das principais funções da indústria da cultura consiste precisamente em produzir material de conversação, modelos de gostos e conteúdos para uma sociedade altamente desenvolvida.

Ou seja, os adolescentes quando estão lendo uma obra que seja conhecida tem a oportunidade de trocar ideias sobre a mesma, fazendo assim novas interpretações e trazendo a obra lida para o dia a dia.

2.2 O BEST-SELLER NA SALA DE AULA

Entre diversas novas metodologias, uma das bases do ensino continua sendo a leitura, pois é “[...] a escola o espaço privilegiado, em que são criadas as bases para a formação do indivíduo” (COELHO, 2000, p. 16) e a leitura, certamente, faz parte dessa formação. A autora também afirma que é na escola que o estudo de obras literárias é

contemplado, pois elas estimulam o exercício da mente além de diversos outros campos.

[...] elas estimulam a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente. (COELHO, 2000, p. 16).

Portanto, a escola seria o local para que os alunos pudessem chegar ao seu autoconhecimento e a ter acesso ao mundo da cultura, para isso, o espaço teria que ser libertatório e orientador (COELHO, 2000, p. 17). Ou seja, é nesse momento que o aluno deveria se apaixonar pela leitura literária, ter a opção de escolha e ser aceito por ela. Como disse Todorov (2007), “[...] por que não começar por adaptações, obras *best-sellers*, obras que abordem o interesse do leitor”.

Coelho (2000. p. 17, grifo da autora) ainda afirma que para que o processo de leitura nas escolas seja efetivo, deve-se diversificar os ambientes e aconselha que existam pelo menos dois, “[...] o de *estudos programados* (sala de aula, bibliotecas para a pesquisa, etc.) e o de *atividades livres* (sala de leitura, recanto de invenções, oficina da palavra, laboratório de criatividade, espaço de experimentação, etc.)”. Dessa forma, cria-se um estímulo e incentivo para que os alunos conheçam mais a fundo e que gostem realmente dessa área cognitiva.

A partir de muitas pesquisas e projetos que foram realizados nos últimos anos, é possível perceber que o Brasil não está entre os países em que há maior número de leitores, como podemos visualizar por meio da lista (ANEXO 1) publicada por Adriana Czelusniak na Gazeta do Povo², em que se vê que o Brasil está em décima nona posição, pois a grande parte da população não gosta de ler ou lê apenas 30 minutos diários. (CZELUSNIAK, 2011).

Devido a esse fato, e visando resolver esse problema, Rodrigo Ugá publicou em artigo para a revista Escola, uma lista de como utilizar obras *best-sellers* dentro de uma sala de aula, pois é o gênero que mais se aproxima ao leitor. Ele explica que, para a utilização desse tipo de obra em sala de aula é necessário que sejam escolhidas obras

² CZELUSNIAK, Adriana. Melhores alunos leem por prazer. 2011. In: **Gazeta do Povo**. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/melhores-alunos-leem-por-prazer-9rcszghk2x85m98xqnwx9g0ge>>. Acesso em 10 nov. 2015.

que atraiam o leitor, que consigam fazer intertextualidades com a matéria a ser trabalhada, e ainda, que se aproximem dos clássicos, para que o leitor se sinta aguçado a ler essas obras. Afirma, também, que o modo como o professor aborda os elementos da obra é muito importante, pois, aspectos como a ironia, o suspense e a manipulação temporal estão presentes tanto em obras clássicas, quanto em *best-sellers*, aproximando o leitor a obras mais complexas.

Quando questionado sobre a possibilidade de as obras *best-sellers* serem uma porta para as obras clássicas o autor declarou:

[...] as obras que mais podem contribuir para este fim são aquelas que já procuram preparar o leitor para este contato, ou seja, obras que possuem um enredo, uma estrutura e uma linguagem mais próximas das obras clássicas. É através da intertextualidade que muitas vezes o leitor se sente atraído a conhecer outras obras. (UGÁ, 2012, s/p).

Somente a partir do momento em que o gosto surgir, é que a vontade de ler uma obra mais complexa e intensa surgirá mais facilmente.

A Literatura de Massa é marginalizada, pois, para avaliá-la, tomam a Literatura Culta e todo o seu instrumental teórico como parâmetros. Já que a Literatura de Massa não possui um instrumental teórico e um tipo de discurso próprios, não se constitui como objeto de estudo específico. Falta a noção de Literatura de Massa e, principalmente, a sua definição clara e objetiva como objeto de estudos. (LANI, 2004, s/p).

Lani (2004) demonstra que a falta de um conceito e de parâmetros teóricos dentro da literatura de massa, faz com que esta seja desvalorizada aos olhares dos críticos, porém, é muito importante que o trabalho com os *best-sellers* em sala de aula tenha sua chance, se trabalhado de maneira coerente poderia trazer bons resultados.

2.3 O FENÔMENO *HARRY POTTER*

Conhecido pela frase “O menino que sobreviveu”, *Harry Potter* é uma obra escrita pela autora Joanne Kathleen Rowling, mais conhecida como J.K. Rowling, que se transformou em *best seller*. A autora iniciou a saga no ano de 1997 e terminou-a dez anos depois, em 2007. É uma série de sete livros que contavam a história de um

pequeno bruxo, que vivia no mundo real e foi incluído em uma escola de magia, na qual o seu dever era sempre combater o vilão até a morte.

O primeiro livro, da série, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, foi publicado no Reino Unido, e veio a ser um dos fenômenos de vendas no início do século XX. Foi a primeira obra escrita pela autora e seu sucesso foi gigantesco.

O que podia ter sido apenas um prognóstico tornou-se uma tendência confirmada: a cada novo volume editado, aumentaram os índices de produção e os leitores se multiplicaram em ordem geométrica, transformando Harry Potter em um típico produto culturalmente mundializado; e a série ocupou – e ocupa até hoje – um lugar significativo no mercado de bens simbólicos e provocou, durante todos esses anos, reações positivas ou negativas, sempre acaloradas, por parte dos agentes dos campos literário e editorial. (BORELLI, 1996, p. 382-383).

Harry Potter é a personagem que dá vida a todas as fantasias e ideias de Rowling: um menino bruxo, órfão de pai e mãe, que sobreviveu ao ataque do mais poderoso bruxo de magia negra, dentro de um mundo onde quase todos os sonhos podem se tornar realidade e dinheiro não é um problema.

O primeiro livro mostra como a personagem principal foi exilada do mundo da magia após ter ficado órfão, ainda bebê, e a maneira como a família em que vivia o considerava. Mostra ainda, a iniciação da personagem no mundo da magia, sua partida aos onze anos, quando descobre, com ajuda de um bruxo e após muito estranhamento, que também faz parte desse mundo. Enredo e descrições estas que se encaixam no que Campbell (1997) descreve como a jornada do herói, iniciando com um chamado para a aventura, na qual um mensageiro pode ser enviado para anunciar o destino do herói, como acontece com *Harry Potter*, em que um bruxo é enviado ao mundo real para recrutar o jovem.

O primeiro livro exhibe, também, a recusa, o momento em que a razão fala mais alto, não acreditando que ele poderia ser um bruxo, momento este que passa rapidamente, para, na sequência, ocorrer a aceitação, de si próprio e do chamado para a aventura em um mundo paralelo e totalmente diferente, com o auxílio sobrenatural.

O primeiro livro da série atraiu diversos tipos de públicos e bateu recordes de vendas. Os livros seguintes foram também sucesso de venda. Como é possível perceber através da informação obtida pelo *site* da Veja: “O livro mais vendido da série

foi o primeiro, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, com cerca de 120 milhões de vendas”. (VEJA, 2010).

Rowling é uma autora britânica que também foi professora, portanto, soube lidar com a intertextualidade, utilizando-se de diversas mitologias dentro de sua obra e reelaborando-as, fazendo com que o nome de cada personagem tivesse um significado mais profundo, explicando muitas vezes as suas atitudes ou personalidade. A mitologia que mais inspirou a autora foi a greco-romana. Como exemplo, há os centauros, e, além dessas personagens mitológicas, há também os animais fantásticos e seres mágicos.

Os livros da série podem ser classificados como saga, como justifica Coelho (2015, s/p):

Uma das razões que nos parece legitimar essa classificação - saga - (em lugar de romance ou novela folhetinesco-fantástica) é o fato de a autora ser britânica e, portanto, ser herdeira do amálgama de raízes histórico-fantásticas (célticas, escocesas, irlandesas, góticas, bretãs...), que sem dúvida ela deveria conhecer bem. Raízes que foram se fundindo durante os séculos medievais e que resultaram no atual Reino Unido da Grã-Bretanha. Raízes que fundem a Realidade e um Imaginário mágico-fantástico, tal como podem ser detectadas no mundo novelesco criado, no séc. XIX, pela grande figura do Romantismo na Inglaterra: a do escocês Walter Scott (1771-1832).

Portanto, *Harry Potter* é uma saga que tem o poder de atrair o leitor por ser parte do entretenimento e, ainda, como cita David Colbert (2001), em seu livro *O mundo mágico de Harry Potter*, é uma obra com muitas referências a grandes autores, como Tolkien, Shakespeare, Flaubert, Dickens e Ovídio. A autora inspirou-se nesses autores para a criação do mundo mágico de *Harry Potter*, fazendo com que a sua escrita fosse muito bem embasada e cultural, baseada também em antigas crenças.

O mundo mágico de *Harry Potter* teve uma influência enorme na época em que foi lançado, pois mostrou um novo tipo de literatura, iniciou uma era que incluía a literatura infantojuvenil fantástica dentro da literatura de mercado, e, como um bom *best-seller*, a divulgação, de diversas formas, foi um forte incentivo para o sucesso que alcançou. Ao perceber o sucesso dos livros, a empresa cinematográfica Warner rapidamente compra os direitos para exibição, criando filmes muito próximos a realidade mostrada no livro, e que se tornaram sucesso de público, como mostra a coluna de cultura no *site* da Globo:

“Harry Potter e as relíquias da morte” conclui uma das sagas mais populares da história editorial e cinematográfica: os sete livros da saga venderam mais de 400 milhões de exemplares em 69 línguas e os seis primeiros filmes arrecadaram US\$ 5,4 bilhões. (GLOBO, 2010).

Além desse sucesso, *Harry Potter* que abriu as portas para outras obras do mesmo gênero, serviu como introdução para novas obras literárias infantis fantásticas, ou como afirmam Corso e Corso (2006, p. 329) “[...] podemos dizer que Potter é herói de uma nova safra de feiticeiros”, fazendo com que o leitor, que cresceu junto com a personagem, possa vivenciar com ele os seus sofrimentos e realizações. Um outro exemplo de obra realizada dessa mesma maneira é a série *Percy Jackson*, de Rick Riordan, que também envolve o fantástico na jornada do herói.

Enquanto alguns críticos afirmam que *Harry Potter* é uma obra sem fundamentos teóricos, com o argumento de que é inferior a obras cultas, clássicas, outros, como Pelisoli (2006, p. 17), afirmam que:

[...] para alguns estudiosos, o clássico é aquela obra que ultrapassa fronteiras: se interessa e agrada a leitores entre oito e oitenta anos, ultrapassa a fronteira da idade; se é traduzido em vários idiomas e lido em várias partes do mundo, conquistando pessoas de costumes e culturas heterogêneas, ultrapassa a fronteira do espaço; se o livro, escrito e lido por gerações passadas, ainda é capaz de fazer surtir no leitor aquela fruição de que falava Barthes, permanecendo atual e ainda conquistando leitores, ultrapassa a fronteira do tempo. Esses seriam os clássicos. Ou ainda aquelas obras que são freqüentemente citadas por outros autores [...].

Observando o que afirma Pelisoli, é plausível pensar na trajetória de *Harry Potter*, pois é uma obra que é lida em todas as partes do mundo. Segundo o site oficial da autora, suas obras foram traduzidas para 77 idiomas (ROWLING, 2015, s/p), portanto, ultrapassa fronteiras. Quando se trata da faixa etária dos leitores, a obra também se encaixa na definição de Pelisoli pois a obra voltada para o público infantojuvenil atinge também idades mais avançadas, como é possível perceber na afirmação de Cani (2008, p. 13):

Deve-se [...] pensá-lo em termos de gerações: a maioria dos leitores de Rowling tem aproximadamente entre 7 e 40 anos, como se a partir dessa obra de literatura juvenil se pudesse estender até o limite extremo o sentido da palavra “juvenil”, para nela se segurar até a idade madura.

Além da idade e da fronteira, o tempo também já vem sendo ultrapassado, pois já vem sendo lida, pelo menos há uma década e meia. Portanto, segundo a definição de Pelisoli (2006), a obra de Rowling está muito perto de se tornar um clássico. *Harry Potter*, além de ultrapassar tempo e espaço transcendeu também as expectativas da autora, pois não ficou apenas em livro e cinema, pois até um parque temático, na cidade de Orlando, já foi criado, estando ao lado e podendo ser comparado com grandes personagens da Disney. Os apaixonados por *Harry Potter* podem ser inseridos cada vez mais dentro do mundo descrito pela autora, podendo interagir com varinhas, vestuários, cenários e até mesmo as comidas descritas no livro.

3 OS “FEITIÇOS” DE HARRY SÃO DURADOUROS OU PASSAGEIROS?

Nos capítulos anteriores aqui apresentados foram abordadas questões teóricas sobre a literatura infantil, sobre os *best-sellers* e ainda sobre a leitura. Este capítulo, por sua vez, tem a intenção de analisar se a leitura de *Harry Potter* ajudou para o enriquecimento da formação dos atuais leitores.

Para o alcance desse objetivo, fez-se uma pesquisa bibliográfica e quantitativa, ou seja, a parte bibliográfica foi “[...] feita a partir de um levantamento de referenciais teóricos já revisados e publicados por meios escritos e eletrônicos” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009 p. 37) em que se mostrou a opinião de diversos autores importantes para a literatura e ensino. A pesquisa quantitativa foi escolhida devido aos seus resultados poderem ser

[...] quantificados como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 33).

Portanto, como a intenção era apurar as opiniões dos entrevistados, foram aplicados questionários padronizados que envolviam perguntas claras e objetivas, a um público selecionado a partir do curso que faziam, para que desta forma, os resultados pudessem ser comparados com percentuais gráficos e interpretativos.

A pesquisa foi realizada no Curso de Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná no Câmpus Pato Branco, pois são alunos que estão inseridos em um ambiente que necessita de leitura. A coleta de dados ocorreu em dois momentos. Primeiramente, foi realizado um mapeamento dentro do Curso, para identificar os alunos que haviam lido algum livro da saga *Harry Potter* e de que período essas pessoas faziam parte. O resultado obtido nessa etapa foi de que 42 alunos, em uma média de 190 alunos, que estavam presentes nas salas de aula, haviam lido. A partir dessa informação, foi entregue um questionário e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 2) aos alunos que haviam dito ter lido pelo menos um dos livros da série.

O questionário foi criado especificamente para os leitores de *Harry Potter* (APÊNDICE 1) e teve como objetivo identificar o foco de leitura ou se esse leitor

continuou lendo apenas obras consideradas *best-sellers*. Continha sete questões, sendo cinco delas discursivas e duas objetivas, nas quais os acadêmicos tinham que escolher quais livros haviam lido e quais os gêneros de livros que leem normalmente. O Termo de consentimento que foi entregue tem como função afirmar que todos os participantes tinham plena consciência de estarem participando de uma pesquisa com fins acadêmicos.

A pesquisa foi realizada do primeiro ao oitavo período do Curso de Letras e as idades dos pesquisados variaram entre 18 a 25 anos. As respostas dos acadêmicos serão transcritas de maneira fiel, sem modificações ou correções, e identificadas como R1, R2, até o R42, significando o R “Respondente”, e a numeração, a sequência dos respondentes.

3.1 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

Como visto anteriormente, a leitura é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento da criança, e é normalmente na infância e na adolescência que o seu gosto é instigado nos indivíduos. Devido a isso, o foco dessa pesquisa, como já dito, foi observar se houve ou não alguma influência para a formação de leitores a partir de uma obra *best-seller*, mais especificamente a série de livros de *Harry Potter*.

Pelo fato de apenas os acadêmicos que haviam lido a obra terem respondido a essa pesquisa, a primeira questão foi voltada a saber se eles leram todos os livros, ou caso contrário, quantos volumes. Para isso se perguntou “Quais dos livros abaixo de *Harry Potter*, você já leu?” O gráfico abaixo mostra essa porcentagem.

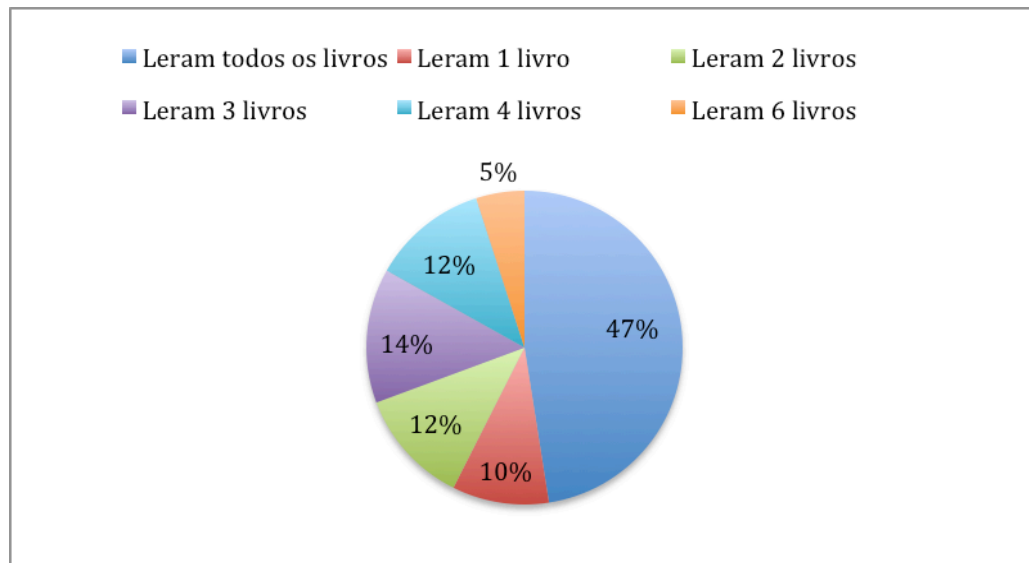


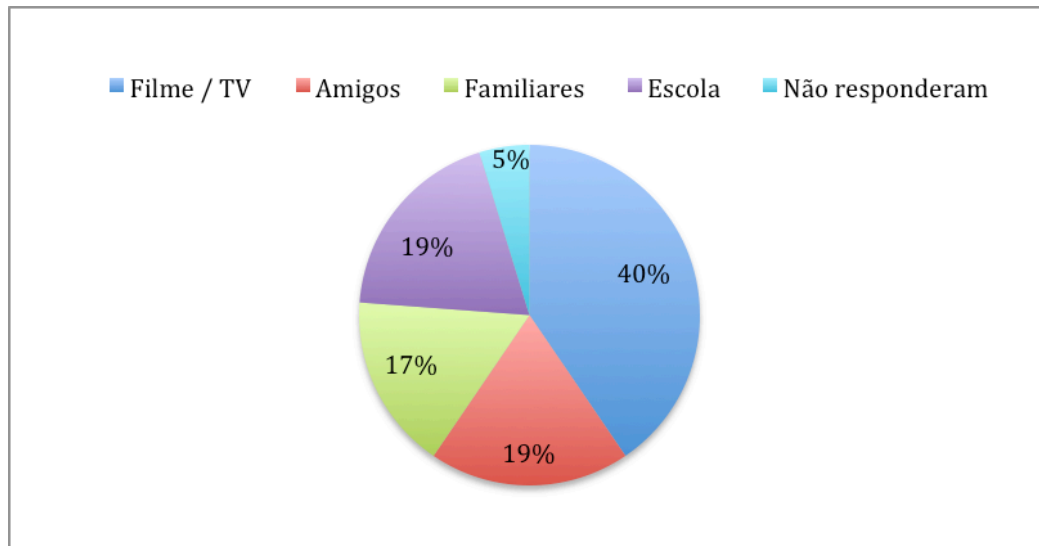
Gráfico 1: Quantidade de livros lidos da série.

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Como é possível perceber, 47%, responderam que haviam lido todos os livros, o que leva a crer que a obra atraiu muitos dos leitores, a ponto de envolvê-los na história. Pode-se dizer que estes leitores foram conquistados pela obra. Dos 10% que leram apenas uma obra, apenas um havia iniciado a leitura no primeiro livro da série, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Todos os outros leram de forma randômica, podendo ser esse um tópico determinante para a não continuação da leitura.

O resultado dos alunos que leram dois ou mais livros foi diferente, pois todos responderam ter lido pelo menos os dois primeiros livros, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e *Harry Potter e a Câmara Secreta*, e depois seguiram a sequência de publicação, mesmo não tendo lido todos os volumes.

A segunda questão, “Como conheceu a saga *Harry Potter*? Que idade você tinha?”, tinha a intenção de verificar como os acadêmicos conheceram a obra e com qual idade tiveram o contato pela primeira vez com a saga. O resultado dessa pergunta é mostrado nos gráficos 2 e 3.

Gráfico 2: Como conheceu a saga *Harry Potter*?

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

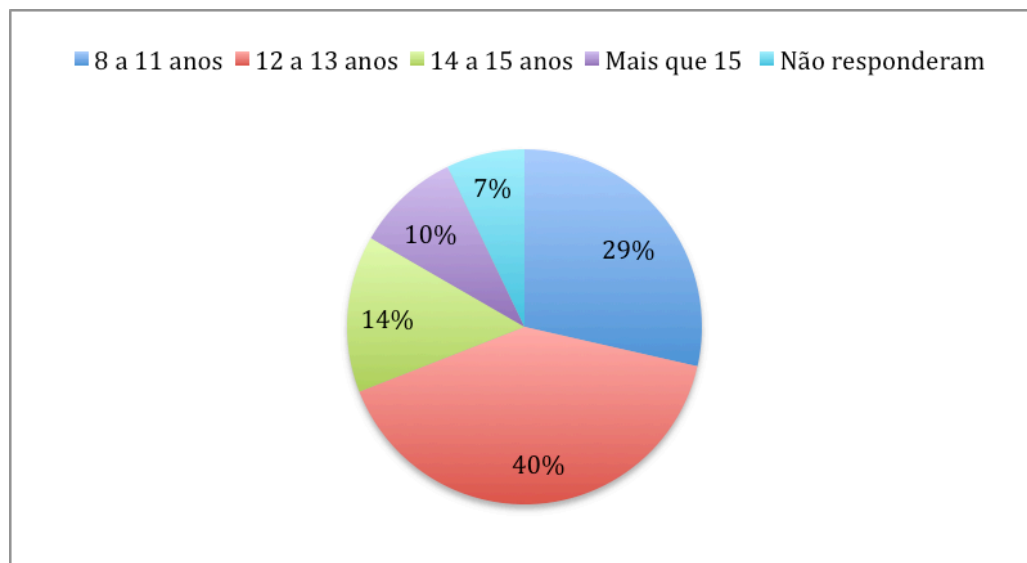


Gráfico 3: Que idade você tinha?

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Quando se tratou de como os acadêmicos haviam conhecido a obra, 40% deles responderam ter sido por meio dos filmes, a escola ficou em segundo lugar, sendo que 19% dos alunos afirmaram ter conhecido por meio de professores, por haver na biblioteca da escola ou até mesmo por ter ouvido falar na escola sobre a obra, o que leva a concluir que, nos dias de hoje, as escolas também estão trazendo obras desse

gênero para incentivar a leitura, para atrair os leitores, o que Coelho (2000) afirma ser um dos passos principais na formação de leitores.

No que se refere à idade dos leitores de Harry é possível identificar que, grande parte dos acadêmicos, leram essa obra quando ainda estavam em fase de introdução à leitura crítica (FILIPOUSKY, 1982), por volta de 12, 13 anos, ou seja, o momento que ele já se torna capaz de interpretar textos informativos, complexos e mais extensos e que tem como indicação as obras fantasiosas, policiais, com uma narrativa atraente.

A próxima questão, “Você se considera um bom leitor?”, teve como função saber se, após terem lido a obra *Harry Potter*, se consideravam um bom leitor³. O resultado obtido foi satisfatório, pois 74% responderam que se consideram bons leitores, como é possível perceber com o gráfico e com as respostas abaixo.

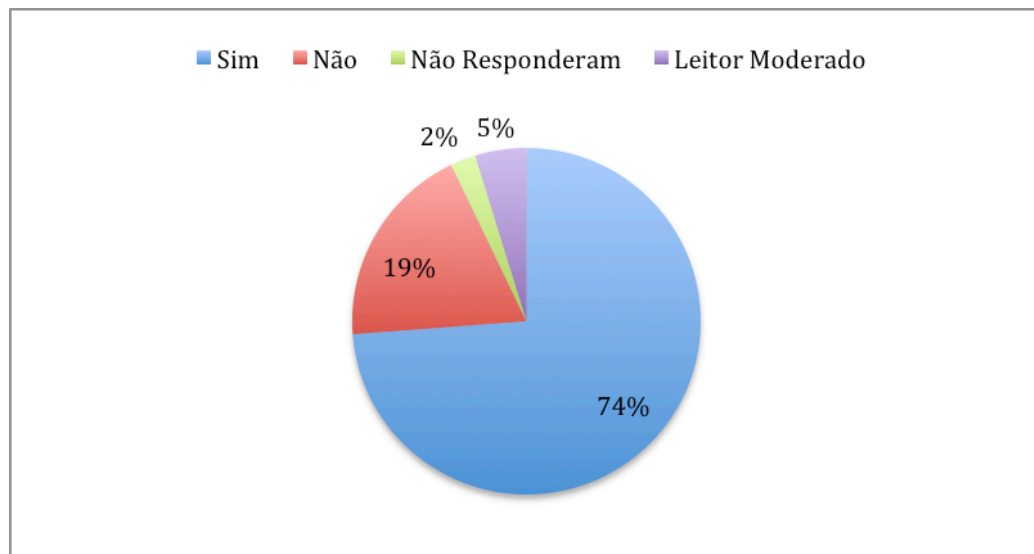


Gráfico 4: Você se considera um bom leitor?

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

As justificativas para que se considerassem bons leitores foram variadas, mas, entre elas, ficou explícito o gosto pela leitura, a leitura crítica, o hábito da leitura diária, a pesquisa extra sobre o que haviam lido, e a abrangência de gêneros que são lidos e bem compreendidos, como se observa em algumas das justificativas:

³ Considera-se um bom leitor aquele que é capaz de interagir com o texto, que compreende bem, relacionando com o que já tem conhecimento, fazendo uma ponte com o que já sabe sobre o mundo. É aquele que lê vários gêneros e de todos os níveis de dificuldades e que gosta de ler.

Sim. Porque eu leio criticamente, além de gostar de ler. (R1)

Sim, pois tenho o hábito de ler e consigo ler qualquer gênero, desenvolvendo críticas. (R2)

Sim, porque eu pesquiso artigos sobre o assunto após ler o livro. (R3)

Sim, porque leio de tudo e compreendo bem. (R4);

As respostas daqueles que se consideram bons leitores corroboram com o conceito do que é ser um bom leitor. Por exemplo, o R1 afirmou o gosto e o desenvolvimento da criticidade no momento da leitura, assim como o R2, quando diz ter o hábito da leitura e sabe ser eclético, sendo capaz de ler vários gêneros. Ainda da mesma forma como o R4 afirmou ler vários tipos de livros e como complementar à leitura, o R3 diz fazer pesquisa acerca do que foi lido.

Dos entrevistados que responderam não se considerarem bons leitores, as respostas do porquê foram variadas, entre elas identificavam-se a falta de interesse, a falta de tempo e a falta de abrangência de obras lidas:

Não, porque parece que perdi a essência que eu tinha antes, ou seja, a viagem que uma criança tem ao ler. (R5)

Não, pois tenho pouco tempo para ler. (R6)

Não exatamente, acredito que não possuo um amplo conhecimento literário. (R7)

Não. Perco o interesse rapidamente sobre o assunto. (R8)

Um leitor moderado, pois preciso de tempo livre para me dedicar a leitura literária, o que não tenho feito muito ultimamente. (R9).

Percebe-se também que há os que se consideram leitores moderados (como o R7 e o R9), que disseram querer ler mais e diferentes gêneros, porém, a falta de tempo não permitia, mostrando, por um lado, o gosto pela leitura, mas também, por outro, a dificuldade em virtude da falta de tempo.

A quarta questão, “Você tinha o hábito da leitura antes de *Harry Potter*? Você acha que essa obra teve alguma influência na sua formação como leitor?”, teve como intenção saber se os acadêmicos tinham o hábito de ler antes de *Harry Potter* e se

achavam que a obra tinha influenciado ou não na sua formação como leitor.

O resultado dessa questão teve grande relevância para esta pesquisa devido a ir ao encontro do objetivo da pesquisa, pois 72% responderam que a obra teve influência na sua formação como leitor, mesmo que já tivesse o hábito da leitura antes dessa obra, pois ela os ajudou a querer ler mais, a serem mais críticos.

Pode-se visualizar essas informações no gráfico a seguir:

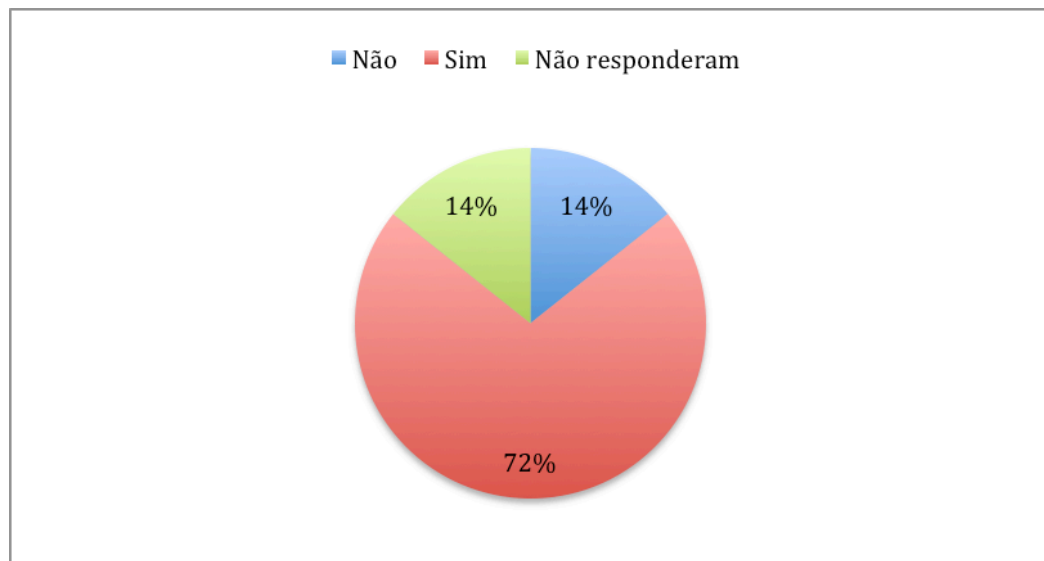


Gráfico 5: Você acha que essa obra influenciou na sua formação como leitor?

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

O gráfico pode certificar que a maioria dos acadêmicos que responderam ao questionário foram influenciados de alguma forma pela obra. A partir das respostas abaixo transcritas é possível visualizar como essa influência ocorreu.

Sim, mas não ficava lendo nada próximo da história da saga, depois disso tive outros olhos nas leituras. (R4)

Sempre tive o hábito da leitura, pois, desde pequena minha família me incentivou. Acredito que HP aumentou minha curiosidade literária. (R10)

Com certeza teve influência, despertou interesse para a leitura. (R11)

A partir das respostas obtidas nos questionários é possível afirmar que *Harry Potter* influenciou, de certa forma, na construção do ser leitor, pois trouxe a paixão para um mundo novo, aumentou a curiosidade literária, fazendo com que, dessa forma, os

leitores percebam quão diferente e rica em aspectos fictícios uma obra pode ser, despertando então muitas vezes o interesse pela leitura. Aspectos esses que são trazidos desde a antiguidade, como afirma Arroyo (2011), quando por volta do século XVI começaram a ser utilizados seres não humanos nas histórias para que fossem mais atraentes para o público infantojuvenil.

Em relação ao hábito da leitura, pergunta que foi complementar a quarta questão, pode se perceber o resultado no gráfico abaixo:

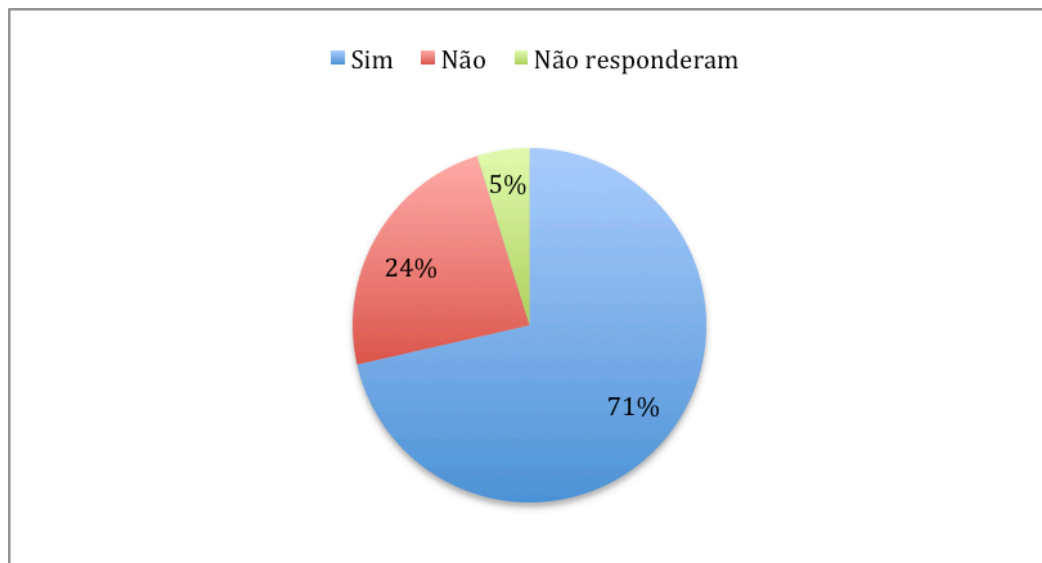


Gráfico 6: Você tinha o hábito da leitura antes de *Harry Potter*?

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Os alunos que afirmaram não ter o hábito da leitura antes de *Harry Potter* disseram que a obra teve total influência na sua formação como leitor, assim como aqueles que já estavam acostumados a leitura.

Não tinha hábito nenhum de leitura antes de Harry Potter. Só depois dessa obra que comecei a me interessar por outras coisas. E sem dúvidas, Harry Potter foi o principal responsável na minha formação enquanto leitor. (R9)

Não tinha hábitos de leitura e foi através do 'mundo encantado' de Harry que me motivou. (R7).

A formação de leitores partindo da obra não foi tão frequente, porém, dois dos acadêmicos que afirmaram ter iniciado a leitura com essa obra, mostraram-se

encantados e motivados a conhecerem o novo, sabendo absorver novas informações de maneira crítica e aproveitada.

A quinta questão, “Após a leitura, você sentiu-se instigado a buscar outros livros?”, teve como objetivo saber se os acadêmicos continuaram apenas lendo obras do gênero fantástico ou se foram instigados a buscar outros livros, isso porque, como afirma Sodré (1988), a literatura de massa deve ser utilizada em sala de aula como uma ferramenta no processo da formação do leitor, com a finalidade de despertar a leitura no indivíduo, e como despertar, deveria ser incentivado que os leitores saíssem da ficção e partissem para obras mais clássicas.

No gráfico abaixo é possível perceber que as respostas foram bastante significativas.

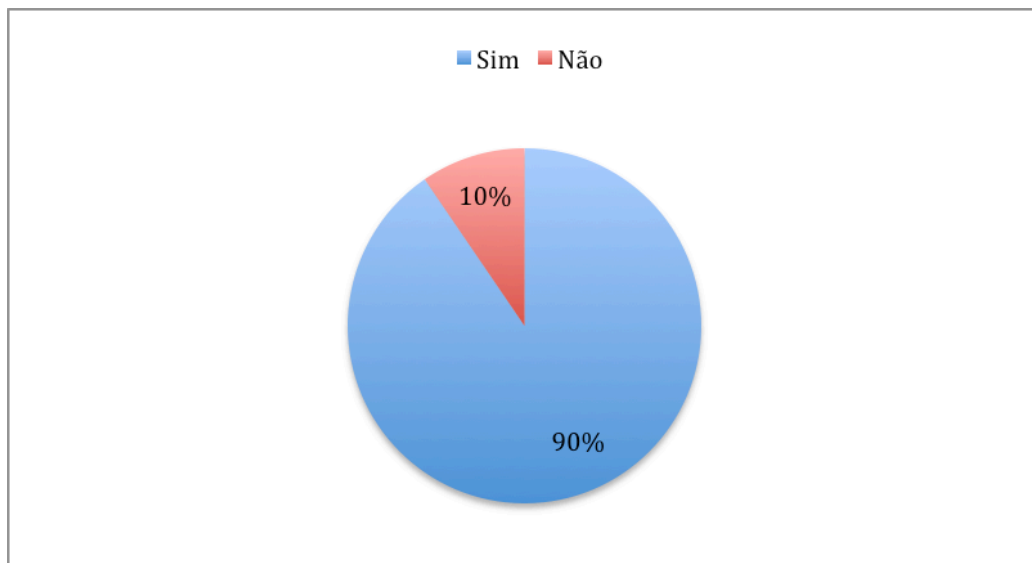


Gráfico 7: Você sentiu-se instigado a procurar outros livros?

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Com uma grande porcentagem, 90%, os acadêmicos afirmaram que sentiram vontade de procurar outros livros, ou seja, a leitura de *Harry Potter* fez com que o interesse pela leitura fosse dissipado, confirmando dessa forma que a obra influenciou de alguma forma a leitura.

Com a intenção de complementar a questão anterior, a sexta questão, “Quais os tipos de livros que você costuma ler?”, foi objetiva, e nela foi proposto aos

acadêmicos que assinalassem quais os gêneros literários que costumam ler. O resultado apresenta-se com o valor real e não percentual.

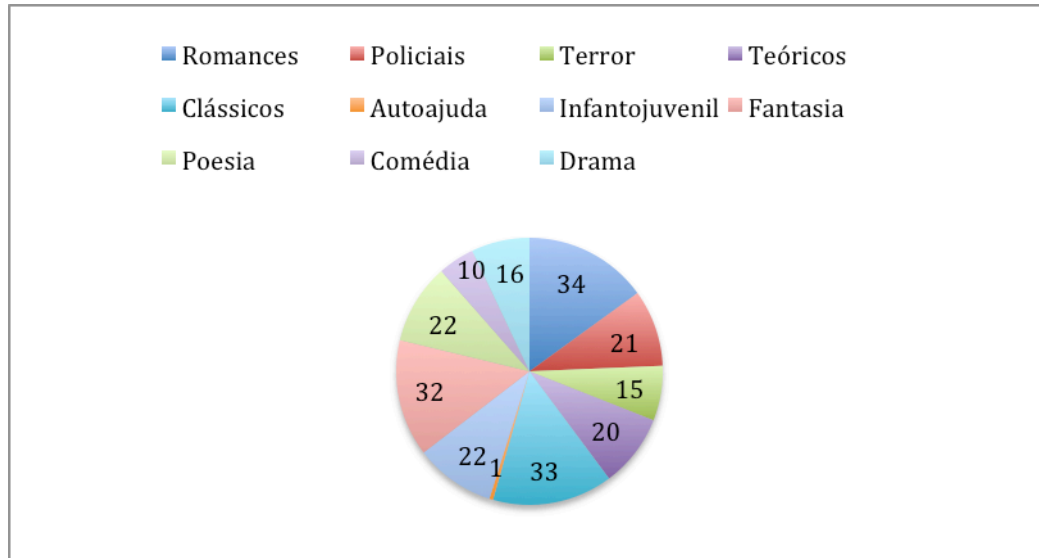


Gráfico 8: Quais os tipos de livros que você costuma ler?

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

A partir das respostas obtidas no gráfico acima, é possível confirmar que grande parte dos leitores de *Harry Potter* continuou lendo livros pertencentes ao gênero fantasia ou, ainda, de entretenimento, como os romances, as tramas policiais e a ficção, ou seja, livros normalmente conhecidos por serem *best-sellers*.

Apesar disso, muitos dos entrevistados afirmaram que suas leituras não permaneceram apenas nesse tipo de obra, assinalando também os clássicos, a poesia e as obras teóricas, ou seja, confirmam que a literatura mais simples faz com que os leitores sintam-se também instigados e desafiados pelas obras clássicas, ao contrário do que dizem alguns críticos literários, que tomam a literatura culta como ponto crucial para a formação de leitores, como afirma Lani (2004).

Essas informações são reafirmadas nas respostas da questão 7, “Cite no mínimo dois livros que você leu recentemente”. Na análise das respostas, observou-se uma mínima porcentagem de livros *best-sellers*, pois a grande maioria afirmou ter lido clássicos como Shakespeare, Fitzgerald, Machado de Assis, José Saramago, entre outros autores de literatura mais clássica.

Alguns dos livros citados nos relatos foram: *On the road*, de Jack Kerouac; *Os Miseráveis*, de Victor Hugo; *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri; *Hamlet*, de Shakespeare; *Frankenstein or the modern Prometheus*, de Mary Shelley; *A mão e a Luva*, de Machado de Assis; *O Grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald. Como alguns desses livros foram citados por mais de um entrevistado, acredita-se que isso ocorre devido ao fato de fazerem do curso que frequentam, e que esses livros tenham sido indicação dos professores.

As dúvidas sobre que tipo de leitores são formados a partir dos *best-sellers* são sempre presentes, visto que se questiona, muitas vezes, se esses leitores se sentirão confortáveis ou até mesmo, capazes, de ler obras mais cultas, o que, de certo modo é uma análise errônea, pois muitos dos leitores de *Harry Potter* entrevistados afirmaram ler obras clássicas na mesma frequência.

A partir do que foi exposto em toda a pesquisa, acreditamos que, se o uso de livros mais conhecidos, os *best-sellers*, fossem recomendados e usados como uma introdução ao mundo da leitura, na formação dos leitores, com a função de fazer com que se “apaixonassem” pelos livros, com o tempo partiriam para uma leitura mais complexa, com o mesmo prazer.

Iniciando ou não pela obra mais famosa de J.K. Rowling, a influência dela na formação de leitores críticos e que gostem da leitura, é confirmada, pois todas as obras tem algo a acrescentar, e se esta for uma obra que apaixone e cativa os leitores, rica em detalhes e descrições, como é *Harry Potter*, certamente o leitor vai sair da leitura com o gosto de quero mais, ou seja, o “feitiço” feito pela obra teria seu efeito mais duradouro, faria com que o leitor permanecesse “enfeitiçado” pela leitura ao longo de sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após ter feito um estudo tendo por base os teóricos neste trabalho apresentados, foi possível notar que a infância e a juventude são períodos de extrema importância no desenvolvimento social e cognitivo do ser. Portanto, a escola tem um papel fundamental no desenvolvimento da leitura, pois é nessa fase que é colocado em ação o que é aprendido, tanto em casa quanto na escola, se a criança for estimulada para a leitura poderá desenvolver o gosto de ler.

A importância do gosto pela leitura se mostrou clara tanto na pesquisa bibliográfica, na qual a afirmação de que a afeição com a obra deve acontecer afirmada por Coelho (2000), quanto na análise de dados, pois muitos dos entrevistados que disseram ter lido todas as obras *Harry Potter* também disseram gostar muito de ler e se consideram bons leitores. Para que esse gosto seja realmente efetivo em sala, é necessário os livros irem ao encontro da fase em que a criança está, e com que gênero específico ela mais se identifica. Dessa forma, a literatura infantojuvenil está muito presente, principalmente nas obras fantásticas, que se mostraram por meio das análises um dos gêneros mais lidos entre os jovens, influenciando muitas vezes os leitores a melhorar a forma que leem, tornando-se mais atentos e críticos, e, além disso, aguçando a curiosidade dos leitores para a leitura.

Apesar de existirem diversas críticas a respeito do uso de obras *best-sellers* em sala de aula, são essas que trazem ao leitor uma maior aproximação, fazendo com que sintam-se instigados a ler mais, como explicitou Todorov (2007) e Ugá (2012). Esses livros podem ser utilizados realmente como obras introdutórias para a formação dos futuros leitores, fazendo com que pratiquem a leitura e encantem-se pelos mundos e viagens para os quais as palavras podem levar, para que, a partir de então, sintam-se prontos a desafiar uma obra clássica, com linguagem mais complexa e culta.

Essa partida para obras mais densas, se confirmou nos questionários observados, pois a grande maioria sentiu-se instigada a buscar novos livros após a leitura de *Harry Potter*, e outros livros do mesmo gênero, mas, além disso, os que apresentam também, nível de complexidade maior. Assim, pode-se afirmar que os objetivos traçados para a produção deste trabalho foram alcançados, pois mostrou a

importância das literaturas mais simples para a formação dos leitores. *Harry Potter* teve o poder de influenciar novos leitores, e isso aconteceu de forma diferente para cada um, pois mesmo que a obra não tenha sido, para alguns, em um primeiro momento, o que despertou o gosto pela leitura, ela contribuiu para o aprimoramento do leitor, formando um leitor crítico, e também capaz de se interessar por diversos gêneros.

Por fim, este trabalho, apesar de singelo, pode ser um material de auxílio para o trabalho de leituras em sala de aula, principalmente pela análise da importância que os livros criados por J.K. Rowling, cujo nome está estampado em milhares de livrarias em todo o mundo, teve em instigar a leitura nos jovens, fazendo com que os “feitiços” de Harry Potter fossem relevantes e influentes na formação de novos leitores.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- BORELLI, Silvia H. S.. **Ação, suspense, emoção: literatura de massa no Brasil**. São Paulo: EDUC: Estação Liberdade, 1996.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Editora Cultrix | Pensamento, 1997.
- CANI, Isabelle. **Harry Potter ou o anti-Peter Pan**. São Paulo: Editora Madras, 2008.
- COELHO, Nelly N.. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- _____. **O Fenômeno Harry Potter e nosso tempo em mutação**. Disponível em: <<http://hildahilst.com.br/cpweb0022.servidorwebfacil.com/separata.php?id=31&categoria=10>>. Acesso em: 19 abr 2015.
- COLBERT, David. **O mundo mágico de Harry Potter: mitos, lendas e histórias fascinantes**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2001.
- CORSO, Diana; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- COSTA, Marta M.. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: Ibpex, 2007.
- CUNHA, Maria A. A.. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 1985.
- CZELUSNIAK, Adriana. Melhores alunos leem por prazer. In: **Gazeta do Povo**. 2011. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/melhores-alunos-leem-por-prazer-9rcszghk2x85m98xqnwx9g0ge>>. Acesso em: 25 out 2015.
- FERREIRA, Aurélio B. H. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FILIPOUSKI, Ana M. R.. Atividades com textos em sala de aula. In: ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 2. ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.
- GERHARDT, Tatiana E.; SILVEIRA, Denise T. (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto

Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GLOBO, Coluna Pop-Art. **Estréia do penúltimo ‘Harry Potter’ causa comoção em Londres**. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/11/estreia-do-penultimo-filme-da-saga-harry-potter-provoca-comocao-em-londres.html>>. Acesso em: 14 nov 2015.

HOHLFELDT, Antonio. **Pelas veredas da literatura brasileira**. Porto Alegre: IEL: EDIPUCRS, 1994.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2011.

LANI, Adriano R.. **A Leitura da cultura de massa**, 2004. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.com/educacao/a-literatura-cultura-massa.htm>>. Acesso em: 12 abr 2015.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. Belo Horizonte: Publicações da Secretaria da Educação, Estado de Minas Gerais, 1951.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1997.

PAÇO, Glaucia M. de A.. **O encanto da literatura infantil no CEMEI**. 2009. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Especialização em Desafios do Trabalho Cotidiano: A educação das crianças de 0 a 10 anos, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2009.

PAZ, Eliane H. Massa de qualidade. In: **I Seminário Brasileiro sobre o Livro e a História Editorial**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004.

PELISOLI, Ana C. M. D.. **Harry Potter: um chamado ao leitor**. Projeto de Doutorado (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/online/III mostra/Letras/61859%20-%20ANA%20CLAUDIA%20MUNARI%20DOMINGOS%20PELISOLI.pdf>>. Acesso em: 30 out 2015.

PEREIRA, Mara E. M.. **Literatura infantil e infanto-juvenil**. (ULBRA), 2009. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABcbkAl/literatura-infantil-infanto-juvenil>>. Acesso em: 14 nov 2015.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. Por Bernardo Soares. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

ROWLING, Joanne K. Coleção de obras: **Harry Potter, os livros**. Disponível em: <http://www.jkrowling.com/pt_BR/#/works/os-livros>. Acesso em: 25 out 2015.

SILVA, Ezequiel T. da. **Elementos de pedagogia da leitura**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1988.

SODRÉ, Muniz. **Best-seller: a literatura de mercado**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.

TODOROV, Tzvetan. Leitura e leitores. São Paulo: **Folha de São Paulo**, 18 fev. 2007. Entrevista concedida a Jorge Coli. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1802200702.htm>>. Acesso em: 8 out 2015.

UGÁ, Rodrigo P. Cinco Respostas sobre o uso de best-sellers em sala de aula. In: **Revista Escola**. 2012. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/possivel-trabalhar-best-sellers-sala-aula-677927.shtml>>. Acesso em: 4 nov 2015.

VEJA, Entretenimentos. **Curiosidades numéricas da saga Harry Potter**. 2010. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/curiosidades-numericas-da-saga-harry-potter/>>. Acesso em: 13 nov 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE 1.

Questionário aos sujeitos da pesquisa de graduação, orientada pela Prof^a. Rosângela Marquezi, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná:

(Todas as informações fornecidas neste questionário serão utilizadas apenas para fins da pesquisa. Os pesquisadores comprometem-se em manter o sigilo dos dados e dos nomes dos colaboradores. Os colaboradores devem ficar à vontade para não responderem ao que não considerarem conveniente.)

NOME: _____ TURMA: _____ IDADE: _____ SEXO: F () M ()

1) Quais dos livros abaixo de Harry Potter você já leu?

- () *Harry Potter e a Pedra Filosofal*;
 () *Harry Potter e a Câmara Secreta*;
 () *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*;
 () *Harry Potter e o Cálice de Fogo*;
 () *Harry Potter e a Ordem da Fenix*;
 () *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*;
 () *Harry Potter e as Relíquias da Morte*.

2) Como conheceu a saga *Harry Potter*? Que idade você tinha?

3) Você se considera um bom leitor? Por quê?

4) Você tinha o hábito da leitura antes de *Harry Potter*? Você acha que essa obra teve alguma influência na sua formação como leitor?

5) Após a leitura, você sentiu-se instigado a buscar outros livros?

6) Quais os tipos de livros que você costuma ler?

- | | | |
|---------------|--------------------|-------------|
| () Romances | () Clássicos | () Poesia |
| () Policiais | () Autoajuda | () Comédia |
| () Terror | () Infantojuvenil | () Drama |
| () Teóricos | () Fantasia | |

7) Cite no mínimo dois livros que você leu recentemente

APÊNDICE 2.



Universidade Tecnológica Federal do Paraná
CÂMPUS PATO BRANCO
 LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____ portador do
 RG. Nº _____, CPF: _____ aceito participar da pesquisa
 intitulada **“Harry Potter e o possível caminho para a formação de leitores”**, desenvolvida
 pela acadêmica Bruna Valeria de Souza. Tenho conhecimento sobre a pesquisa e seus
 procedimentos metodológicos.

Autorizo que o material e informações obtidas possam ser publicados em aulas,
 seminários, congressos, palestras ou periódicos científicos. **Porém, não deve ser
 identificado por nome em qualquer uma das vias de publicação ou uso.**

As respostas ficarão sob a propriedade do pesquisador pertinente ao estudo e,
 sob a guarda dos mesmos.

Pato Branco, 20 de outubro de 2015.

Assinatura do pesquisado

ANEXOS

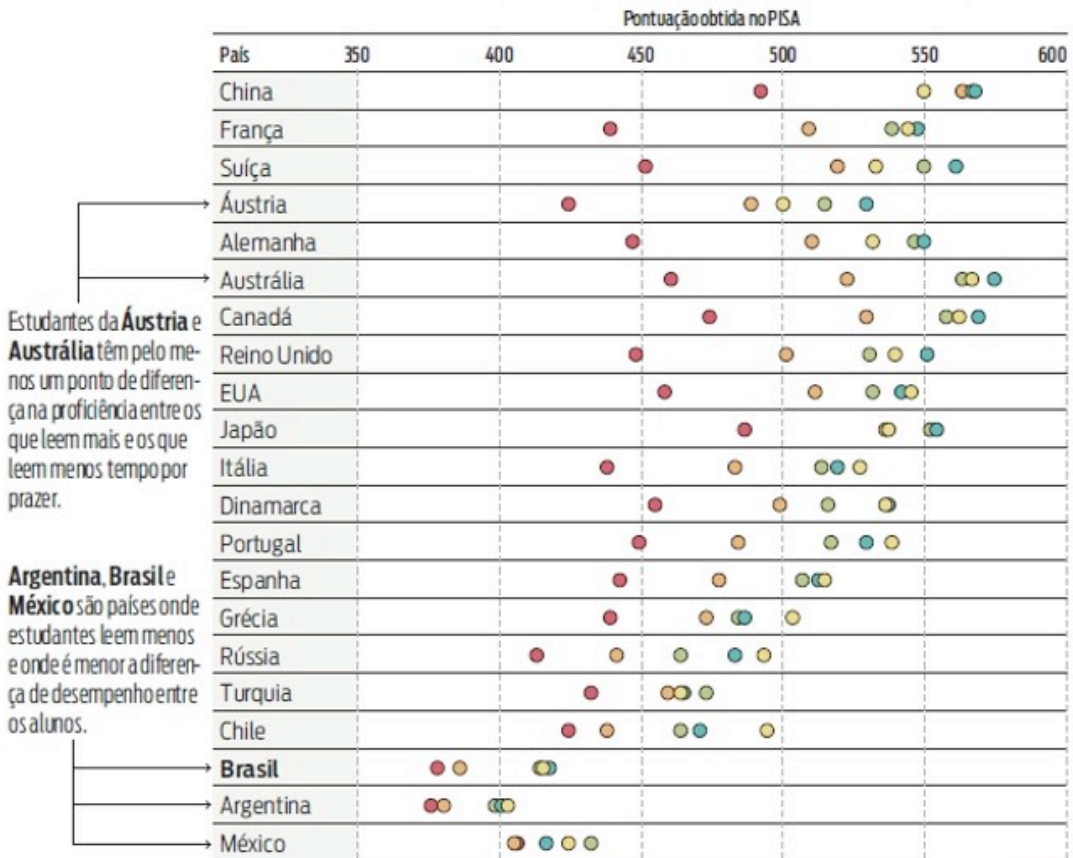


ANEXO 1.

LEITURA PRAZEROSA

A pesquisa da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) mostra a relação entre o tempo gasto pelo estudante na leitura por prazer e a performance em atividades de leitura. Confira o desempenho em alguns países.

● Não gosta de ler ● Lê 30 minutos ou menos por dia ● Lê entre 30 minutos e 1 hora por dia ● Lê de 1 a 2 horas por dia ● Lê mais de 2 horas por dia



Fonte: OCDE

Infografia: Gazeta do Povo